

**S**enhores e senhoras, colegas, meus futuros colegas estudantes de letras, boa tarde meu querido Herberto. Quando soube que iria ter a honra de apresentar-lhes o escritor Herberto Sales, uma preocupação me apareceu: como ter o devido distanciamento do escritor e da obra quando se é amigo? Será que a minha subjetividade não permearia todas as minhas falas? Como dar conta do todo, da extensa produção literária do escritor, se, por muitos anos, vivenciei sua criação nas idas e vindas de Herberto à Bahia? Assim fui seduzida a contar o começo da nossa história e falar apenas dos livros que mais me emocionam. Começemos pelo começo. Voltemos ao ano de 1973 e 74, vinte e tantos anos atrás. Tendo sido convidada para escrever uma antologia sobre a obra de Herberto Sales para o projeto da Fundação Cultural do Estado da Bahia, eu tinha apenas a leitura atualizada do seu primeiro romance, *Cascalho*, que fazia parte dos livros que eu trabalhava em cursos sobre o regionalismo. Recebendo a incumbência da Fundação comecei a procurar sua obra e achei mais seis livros que li avidamente. Eram eles: *Além dos Marimbus*, ainda com temática relacionada às suas raízes, das lavras diamantinas; *Dados biográficos do finado Marcelino*, cuja ação já se passava em Salvador, e mais três livros de contos, dois deles exorcizando as visões e vivências em sua região: *Uma telha de menos*, *Histórias ordinárias* e, finalmente, o livro de contos que me encantou, intitulado *O lobisomem e outros contos folclóricos*.

Nossa amizade nasceu desse livro que, para o autor, já tinha algumas marcas especiais: fora editado pelas Edições de Ouro e sabemos que essa editora compra os direitos autorais. *O lobisomem* já estava com mais de três edições e era pouco conhecido de um público que procura pouco as edições de bolso. Havia uma receptividade entre o público leitor, porém eu indignava-me porque achava que era preciso alargar o espectro de leitores.

Terminada a fase de análise da obra tinha eu que entrar em contato com o autor para entrevistá-lo, mas a aura de escritor que ainda rondava a minha cabeça a respeito de Herberto afugentava-me do telefone. Certo dia tomei coragem e telefonei, foi para mim uma surpresa ouvir do outro lado uma voz simpática que queria saber como eu estava elaborando o trabalho e como podia ajudar-me. Imediatamente, prontificou-se em colaborar. A partir do terceiro ou quarto contato telefônico, perdemos as respectivas deferências e eu passei a comentar sobre *Dados biográficos do finado Marcelino*, romance que muito me impressionou e ainda me impressiona, como também procurei saber porque ele não retirava, das Edições de Ouro, o livro de contos.

Dessas nossas confissões nasceu uma intimidade intelectual intensa e infinitamente permeada de ternura. Sofremos juntos a liberação do livro *O lobisomem* das Edições de Ouro, que teimava a não ser liberado, pois Herberto já tinha dado início à ação complicada de retirar o livro para passar para outra editora. Comemoramos quando saiu a solução definitiva e, finalmente, muitos meses depois, vindo a Salvador, nos encontramos. Àquela altura, Herberto estava enfiado na criação de um novo romance que tomaria, quando pronto, o título de *O fruto do vosso ventre*. Sonhamos juntos, autor e ouvinte admirada e deliciada, que ouvia os trechos do seu novo romance e que cada dia mais percebia como era difícil construir uma obra.

Participava dos seus impasses de como continuar ou dar a melhor forma de conclusão, era o tempo que Herberto estava presidindo o Instituto Nacional do Livro e fez confluír para a trama sua arguta apreciação sobre as reuniões burocráticas governamentais, as difíceis discussões sobre siglas e logotipos, leis e resoluções, o distanciamento entre estas e a precária prática que chegaria até a população.

O eixo central do livro é a explosão demográfica de um certo país e, como ela é tratada, e ela é muito bem tratada pelo escritor, deliciosamente bem narrada, com fina ironia, diria mesmo um achado maduro diante dos problemas da sociedade. Com o passar dos anos aprendi a perceber como ele, aparentemente um homem comum, conseguia observar determinados detalhes dos acontecimentos, os mais banais que estavam inseridos na vida diária rotineira e como dava-lhes uma outra dimensão no papel. Fiquei admirada daquele olhar diferente que construía do nada um conto, um romance, uma história. Entremendo nossos encontros, discutíamos muito as nossas preferências sobre a sua obra. Eu sempre evidenciando a perfeição técnica de *Dados biográficos do finado Marcelino*, e ele aceitando tudo, mas muito mais empolgado pela obra que estava a fazer. Para ele só interessava sua nova aventura com a palavra, o outro livro.

Lembro-me, anos mais tarde, de um memorável encontro em um hotel do Maranhão: um saindo e o outro entrando no elevador, a surpresa, a alegria de rever-nos. Ainda guardo isso, principalmente as sensações da lembrança. Daí em diante muitos outros encontros aconteceram e eu passei a acompanhar de longe sua criação. Alguns momentos nós interrompemos os contatos, mas não nos esquecemos dos nossos primeiros tempos. Somos fiéis e voltamos a ser, o autor e a ouvinte admirada e respeitosa. Herberto Sales tem uma obra considerável: *Cascalho*, *Além dos Marimbus*, *Dados biográficos do finado Marcelino*, *O fruto do vosso ventre*, *Einstein*, *o minigênio*, *Os pareceres do tempo*, *Rio dos morcegos*, *Rebanho do ódio* e... posso anunciar o outro? É o último: *A prostituta*, cuja ação retorna a Bahia. Também muitos livros de contos, sendo os principais: *Uma telha de menos*, *Histórias ordinárias*, *O lobisomem e outros contos*, *Armado cavalheiro o audaz motoqueiro*. E seus três livros de memórias, sintomaticamente intitulados de *Subsidiário*. O primeiro com o subtítulo: *Confissões, memórias e estórias*; o segundo *Andanças por umas lembranças, segredos e revelações* e, finalmente, o terceiro, *Eu de mim com cada indivíduo*.

Mas, para finalizar, não posso deixar de falar dos meus livros eleitos, escritos por Herberto Sales: *Cascalho* é o primeiro deles, que Herberto reescreveu, tirando tempo entre as horas de trabalho e de sono para reduzir o livro em mais de trezentas páginas. É um livro de grandes painéis, ainda imerso nas histórias e na rede intrincada dos garimpeiros, da luta pelo dinheiro e pelo poder. Todas as classes, ou melhor, as castas, estão aí representadas: garimpeiros, bruaqueiros, capangueiros, donos de garimpo, a força política, a força da justiça, transbordando poderes e micro explorados e exploradores. No entanto, Herberto, neste livro, não leva a sua denúncia para soluções utópicas.

Em *Além dos Marimbus*, muda o foco da ação, mas ele permanece escrevendo sobre sua região, ainda, e a partir daí vem o grande livro que estaria por vir, soltando-se o autor das

amarras da sua terra e penetrando na observação do cotidiano da cidade. *Dados biográficos do finado Marcelino* descreve uma Salvador dos anos 30, 40, muito diferente da atual, quando os grandes comerciantes preferiam o calmo bairro de Itapagipe para sua moradia e a vida corria calma e plana para um jovem adolescente que viera estudar em Salvador. O livro não pretende resgatar a vida ou a biografia do personagem, mas sim criar um personagem entre claros e escuros, evidenciando que cada indivíduo, com o qual ele conviveu tem um pedaço da sua história e que, mesmo no conjunto de todas as histórias, não dão conta da multifacetada personalidade do retratado.

Empregando recursos técnicos, Sales estiliza a narrativa e privilegia a arquitetura do texto, da arte literária. Ao voltar-se cada vez mais para as situações urbanas, Herberto Sales tira grande proveito do seu olhar acurado para os sinais que prenunciavam, na sociedade de vinte anos atrás, os impasses que o homem de hoje vive nos anos 90. São os problemas mais agônicos da nossa civilização: a explosão populacional, em *O fruto do vosso ventre*, a inseminação *in vitro*, a velhice.

Em *Einstein, o minigênio*, Herberto toma como eixo da narrativa a criança que vem do cruzamento de genes de intelectuais e gênios em sua área, sendo exigida uma performance desde tenra idade. *Na relva da tua lembrança* ele trata da marginalização do velho pela família, pela sociedade e pelo próprio Estado. Este livro leva ao extremo a situação de pessoas velhas que, em um determinado momento, se torna um estorvo para todos, torna natural que os filhos os mandem para a morte, já que os velhos não morrem. Embora seja um livro que fala sobre a morte, é um texto permeado de ternura, com cores claras, não levando o leitor ao pessimismo, mas sim a fazê-lo refletir sobre esta grande população que, por sinal, está se tornando uma maioria no Brasil e que em uma sociedade descartável pode acontecer essa naturalização da morte do que é velho, daquilo que incomoda, para dar lugar apenas ao novo.

Para não usar mais o tempo de vocês e para que vocês possam compartilhar do mundo maravilhoso e ficcional desse escritor, vou me despedindo com uma pergunta: Herberto, os seus dois últimos livros, tanto *Rebanho de ódio* como *A prostituta*, tem suas ações delimitadas em cidades menores, como o interior do Rio de Janeiro e o retorno a Salvador. Queria saber se você está fechando um ciclo ou está abrindo o seu olhar para outra rica vertente a ser explorada?

**A** *Prostituta* é o último romance que eu publicarei. Estou encurrulado. Hoje a história é uma coisa completamente diferente de quando iniciei. Eu andava em Andaraí, no interior da Bahia, ninguém me conhecia. Quando publiquei o livro *Casca-lho*, apareceram trinta ou quarenta artigos na imprensa do Rio e São Paulo, nos rodapés dos jornais. Hoje publico um livro e sai uma nota. É um desconhecimento total. Há uma revista em São Paulo onde há uma ordem pra não se escrever nada a meu respeito. O meu cunhado, que foi funcionário dessa revista, disse também isso. Quando foi lançado *Os pareceres do tempo*, ele pegou o livro para divulgar lá e disseram a ele: "Não, aqui não pode se falar em Herberto Sales". Então eu fui aos poucos me convencendo de que o que eu posso fazer em literatura é publicar os meus livros e me refugiar em São Bento da Aldeia, onde eu vivo, inclusive sem frequentar a Academia, escrevendo, respondendo as cartas que recebo, sempre uma palavra de carinho, uma palavra de ternura, uma palavra de solidariedade com os escritores que se dirigem a mim. Agora eu deixei mesmo. O romance está encerrado. Onze romances é um número ímpar bom e, de agora em diante, eu pretendo continuar o meu *Subsidiário* sem, digamos assim, pensar em publicação. Eça de Queiroz deixou vários livros inéditos e outros grandes autores também deixaram vários livros inéditos. Então, por que é que eu não posso escrever, mesmo que não os publique? Porque eu gosto de escrever, mas não é uma questão de gostar. Eu

sou compelido a escrever e vou escrevendo e deixando lá na gaveta, porque eu não posso dizer hoje que tenho editor, porque o meu editor, Ênio Silveira, morreu. Hoje, o substituto dele, quem está à frente da editora, o Salomão, ele me prestigia inteiramente e tal, mas falta alguma coisa no ar, então ele disse que quer reeditar *Os pareceres do tempo*. Aqui na Bahia eles já botaram até anúncio em *A Tarde*, os estudantes procuram livros pra comprar, porque ele é adotado aqui. Então, ele vai fazer isso.

*A prostituta* foi a despedida que eu fiz, por acaso, porque esse livro, no momento que eu estou me despedindo da literatura, eu estou, de certo modo, voltando a minha vida, porque na minha boemia de estudante eu convivi muito no meio da prostituição. Minhas amigas, que eu chamo de minhas irmanzinhas, mas mulher não gosta que chame elas de irmanzinhas, aquelas irmanzinhas da boemia etc., então eu frequentava uma pensão que se chamava coincidentemente Pensão Andaraí, na rua da Oração, 10. Aí eu me transportei para a pensão. Vim aqui a Salvador e fui ver se o prédio ainda existia, se estava de pé, mas eu não entrei, inclusive estava uma ruína, ia até cair em cima de mim aquilo. Bom, aí voltei e, quando foi de outra vez, pedi ao Milton que me acompanhasse e fomos visitá-lo. O prédio realmente está tombado, mas do jeito que estava, estava tombado mesmo.

Tombando o que está tombado mesmo, tem uns azulejos bonitos, entrei na sala, um prédio que tinha quatorze quartos, entrei, o assoalho, tudo em ruínas mesmo, tudo estragado e tal, mas quando eu cheguei na sala do baile, onde se dançava, então a sala se iluminou. A sala era a mesma, só faltava ali o piano e as mesas e eu fiquei impressi-

onado, não tanto porque eu tinha uma explicação já naturalmente para isso. Porque Marcel Proust diz que aquele corredor que ele descreve, quando ele vai se despedir da mãe dele, que atravessa aquele corredor, que o leitor pensa que é um corredor longo, é um corredor pequeno, que tem uns três metros. Então eu disse assim: a sala, havia tantas mulheres dançando, o piano tocando, era esse vão aqui, bem menor do que eu imaginava, mas de qualquer maneira estava praticamente intacta com aquelas janelas dando para a rua, ali para o Terreiro de Jesus, não é?

Eu escrevi esse livro, realmente, com uma extraordinária ternura. Era um reencontro muito profundo comigo mesmo e a história se desenrolou de tal forma que o revisor, da editora, disse: "há muito tempo que eu não vejo um romance que é começo, meio e fim, como esse". E, realmente, eu nem imaginei isso: o livro foi ficando assim de tal forma concatenada a história.

Outra característica dele é que só tem um canalha no livro. Ao contrário das revistas, das novelas da Globo, onde todas as mulheres são piranhas, no meu livro as pessoas, inclusive as mulheres, são pessoas maravilhosas. Só tem realmente uma figura negativa: um sargento de polícia que, aliás, morre de morte matada, numa feira, com não sei quantas facadas. Mas todos os outros são pessoas humanas, inclusive esse empresário que vem a gostar da prostituta, que só não casou com ele porque o problema não era ele casar com ela, era gostar muito dela, mas a noiva morreu e ele venerava aquela memória da noiva e não queria casar com ninguém. Ele queria não casar com a prostituta, mas, tudo bem, mas nada de amor e, por outro lado, ela também, que ti-

nha sido enganada por esse soldado, não é, uma jovem sergipana.

Aliás, uma coisa que eu quero frisar aqui que eu já devia ter dito, é uma homenagem que eu faço a Amando Fontes. Eu peguei a vertente do romance *Os Corumbas* e fiz uma ressonância nesse livro, criei a minha personagem que chama Maria Corumbá, que vem dessa família Corumbá, perdida aí no passado, e esse livro, *Os Corumbas*, é um livro que eu achei muito bom, que me sensibilizou muito e eu, na dedicatória, deixo isso bem claro, lembrando que é um bom livro. Virgínia Woolf dizia que há muitos livros, mas poucos bons livros. É um negócio fantástico, essa frase me acompanha... há muito poucos bons livros e esse é um bom livro, esquecido, mas vai voltar amanhã ou depois. Prestei também essa homenagem ao Amando Fontes, um escritor com quem eu falei uma única vez na vida.

Pois bem, então essa mulher, com esse empresário baiano, um homem de sociedade. Depois de cinco anos a coisa se repete, como arquétipo platônico de uma mulher que viveu, uma mulher do Cláudio, o Imperador, que viveu com ele e era estritamente um objeto sexual. Ele gostava muito dela, mas como objeto sexual. Então, na realidade, lá em Roma ela disse: "olha, vamos acabar o nosso caso, eu não quero mais ser uma prostituta, vou deixar essa vida de prostituta, vou procurar um homem de caráter, casar, constituir família etc. e tal", e isso, essas palavras que eu ponho aqui entre aspas, ela diz a esse baiano que se chama Cláudio, que é xará do romano e daí ele disse: "olha, eu sou capaz de adivinhar quem é esse homem que você tá dizendo aí". Ele conhecia a história dela com outra figura que não adianta falar agora, senão eu vou contar o romance todo

Então esse noivo está esperando lá, ele está no escritório, ele olha o relógio e diz: "essa hora a Maria tá embarcando no avião" e daí faz a seguinte reflexão: à parte o certo e o errado, a prostituta é uma mulher como outra qualquer, porque eu não quero, como se diz, resgatar a prostituta, no meu romance eu não tenho essa preocupação, mas eu quero resgatar sobretudo é a criatura humana, não é verdade? Isso é que é importante pra mim.

Mas, isso parece que eu respondi e tá encerrado, eu tinha até um romance começado, *Um quarto num sótão*, que rasguei a semana passada. Como era a história dele? Era uma história que se passava numa pensão onde eu morei, aqui, na ladeira da Fonte das Pedras. A história de Lenita, foi naquela época da história de Lenita, foi naquela época, sim, na época daquela pensão. O Edison Carneiro namorava a filha do dono da pensão, Joselita, nessa época, e um dia chegou o Edison Carneiro com um livro que ele tinha publicado com dois amigos. Um desses amigos, mais tarde eu fui conhecer e ler e me tornei amigo dele, que era o Jorge Amado, mas eu só conhecia o Edison com aquele livro e fiquei impressionado.

Eu escrevo aos pedaços e esses pedaços vão ficando cada vez menores. Agora, descobri um bloquinho, no qual escrevo à mão. Às vezes não consigo entender o que escrevi e, na passagem para a máquina, eu tenho muitas vezes que alterar. Quando não consigo entender, aí boto outra palavra, porque eu estou escrevendo quase como quem está psicografando, jogando o possível da minha alma no vento, quase que psicografando as coisas, e vou datilografando aquilo ali, de dez em dez linhas datilógrafo, olho e depois que eu datilografo tudo, faço uma releitura geral do texto, ainda sujeito a alteração.

Essa coisa de escrever é uma coisa curiosa. O Natanael Rosa levou dez anos, dez anos trancado numa sala, aprendendo a escrever. Quando ele acabou, achou que sabia escrever e foi arranjar um emprego na alfândega. Aí ele foi demitido e a irmã dele disse assim: "Mas que bom você ter sido demitido, porque agora você pode escrever seus livros, vai ter tempo pra escrever".

É como Virgínia Woolf também. Virgínia Woolf é uma autora que me encanta. É pena que eu não saiba inglês, mas tenho uns livros dela e muitas vezes eu tomo a audácia de corrigir uma tradução, eu que não sei inglês, mas eu vou, estudo a coisa... ela disse, no diário dela, que é uma coisa extraordinária, ela disse que nunca houve tempo, que ela lia os clássicos em inglês, pra escolher as palavras, escolher as palavras, que de repente a palavra a gente esquece, vai esquecendo de repente. Mas não é possível, que coisa linda: ela aí escrevia, elaborava umas frases e ficava lendo em voz alta. Zezé Catarino disse que eu tenho um defeito: gosto de ler em voz alta. Defeito não, qualidade. Aquele dicionário de termos analógicos, não sei se vocês conhecem. Eu fiz isso, já cheguei a conhecer palavras que nunca me passaram pela cabeça lendo aquele dicionário. Eu dizia: eu quero dizer isso, mas eu não encontrava tais palavras que eu conhecia, eu não encontrava nenhuma que dissesse aquilo.

Agora, eu já pensei uma vez que tenho a vontade e a disposição para fazer um dicionário, mas eu queria fazer um dicionário de verbos vivos, ia promover a expulsão de verbos como "abrumar", tirava tudo, reduzia. Vamos repetir o verbo, pode repetir, não tem importância nenhuma então, e aí dava a conjugação do verbo. Eu conversei até

com Aurélio Buarque de Holanda nesse sentido que você diz: chega um padrão, um paradigma, de repente você vai escrever um discurso na segunda pessoa do plural, e você toma uma surra de criar bicho. Aí você pergunta ao camarada: “eu não sei, eu acho que é assim, dizeis ou digais”. Então eu faria isso: a conjugação do verbo e os verbos usados, utilizados. Ia vender muito. Não era vender o Manual da Globo. Fizeram o Manual da Globo de Literatura, botaram todo o tempo passado, a forma, digamos assim, antiquada. Por exemplo, fulano tinha “pagado” a conta em vez de pago. Estava lá, escrito.

Então, eu queria perguntar. Porque eu falo assim, quando chegar a vez do verbo escrever? Como é que vai dizer, eu tinha escrito ou tinha “escrevido”? Não é verdade? Então, o próprio Manual da Globo está mandando brasa nisso, agora, no particípio passado. Tem umas coisas assim terríveis: “pagado” é uma delas. Pego, sempre usa pego em vez de pegado, mas tem alguns que dói no ouvido. Então, queria fazer um dicionário assim, inclusive inventando uns verbos. Eu criei o verbo “treler”, porque “treler” não é ler pela terceira vez, “treler” é ler por cima, é ler mal, vamos dizer assim. É outra coisa, porque eu li, reli e trela não é? Ou então você diz eu li e reli duas vezes.

Cassiano Ricardo veio aqui, na Bahia, com dezessete anos, quando era estudante e nunca mais voltou à terra dele, que é o Piauí. Ele lançou a idéia de que nós não falamos português, de que nós falamos brasileiro. Então, ele começou, com dezessete anos, a defender a língua brasileira e rolou pra dentro da Academia de Letras. É possível que ele tenha feito vários estudos da língua bra-

sileira, para disciplinar a língua que o povo brasileiro fala, que muitas vezes é errado e às vezes é errado mesmo, mas não existe uma gramática, não existe aquela gramatiquinha que Mário de Andrade falava, né? Eu acho o seguinte: no Brasil não se fala português. Eu já fui a Portugal, já vivi lá e sei que não se fala português aqui. Agora fala-se o idioma luso. Eu estabeleço essa distinção entre fala e idioma. Está certo: cada país, cada povo tem a sua fala. Em Portugal se fala muito bem a língua portuguesa, com grande sacrifício. Eu não levei dez anos, com o Natanael Rosa, trancado numa sala, aprendendo, mas eu escrevi, e eu não escondo isso e contei que quando eu escrevi *Além dos Marimbus*, eu me ajoelhava ao pé da mesa e pedia a Deus para me ajudar a levar a coisa até o último capítulo. E quando acabei, eu rendi graças a Deus por ter me concedido essa graça, porque é realmente difícil. Pego o papel e boto aqui, desafiando pra escrever e aí tem que vir um troço lá de dentro, a gente tem que puxar alguma coisa lá de dentro.

A minha queridíssima amiga, de vinte anos, está perguntando se eu estou cansado? Eu ando cansado sempre, principalmente porque eu tenho uma rotina, durmo depois do almoço, aquela coisa. Hoje eu não dormi, mas eu estou aqui muito prazerosamente, disposto a ficar mais um pouco. Não há problema nenhum, mesmo porque eu estou me despedindo da Bahia, sim, porque eu acho que não vou voltar tão cedo aqui. Você quer ver uma coisa? Vocês talvez não acreditem, mas eu pensei seriamente, considere seriamente a possibilidade de vir morar aqui em Salvador. Pra vocês verem como eu gosto daqui da Bahia, que é a minha casa.

Fazia um luar lindo. No areão, o rio era uma lava de prata. Eu não tinha compromisso com o tempo, mas para alguma coisa haveria de servir o relógio de pulso que Isa me deu de presente de aniversário: eram 8 horas da noite. Deixei a venda de Peti, Dino foi comigo, Nêgo tomou o caminho de casa. Nêgo era uma dessas abnegadas e talvez mesmo sábias criaturas que não trocam a melhor noite do mundo pela noite passada consigo mesmo em casa, na boa romaria que faz quem em casa fica em paz. Andando fui, com Dino, um dos meus mais constantes companheiros de farra. Isto mesmo: farra, que outra palavra não se inventou até hoje para substituir no tempo de mim essa palavra feérica e mágica. Eu digo farra, e logo vejo à minha frente um carrossel iluminado, música girando em volta de si mesma, espiral de sons e cores. Um encantamento. Homem brincando como no tempo de menino. Como era bom à noite Rio dos Morcegos. E numa noite assim, como a noite essa em que sem destino saí com Dino da venda do primo Peti, era melhor ainda. A cidade vinha abraçar a gente na rua, em estado de amizade e convite, hospedeira pobre, mas anfitriã gentil. Tudo tão simples. Tudo tão bom. As casas eram modestas, mas tinham todas elas vista para o luar. As mulheres da vida vinham dar o ar de sua graça nas janelas, empoadas de lua. Ou sentavam-se nas calçadas, em tamboretas, ou até mesmo no chão, em esteiras, como crianças brincando. Doce burgo de bons prazeres, as casas pegando como um cheiro os nomes de suas ocupantes, Laura, Isaura, ó Leonor. E os nomes de outras, muitas outras flores desse jardim de todos nós. Em geral moravam sozinhas, rosas escuras no jarro de suas casas, casas também da gente, onde a gente estava como em casa. Entramos na casa de Lindaura, ouvimos lá dentro como uma luz se acendendo um riso de mulher. Era ela, conversando com uma amiga, que eu não conhecia. Fiquei conhecendo. Chamava-se Maria Sedan. Jovem, não devia ter deixado para trás no caminho da vida mais de 17 anos. Tinha uma cara de menina, que o cabelo *à la garçon* fazia mais ainda parecer. Lindaura tinha por acaso em casa uma garrafa de cachaça com losna. A maceração da folha dava à cachaça uma cor de esmeralda dissolvida. Era uma linda bebida de sabor levemente amargo. Eu gostava, todos gostavam. Tomamos uma lapada, sentados (eu e Dino) na marquesa, velho móvel rústico

por onde haviam passado sombras de criaturas que não tínhamos conhecido. E que esquecidas ficaram em sua transitória passagem pela marquesa. Pela marquesa e pelo mundo. Foi no externato que entrei pela primeira vez numa casa de mulheres. Lembrei-me disso agora, de repente. Vamos ver como foi mesmo. Sim, dois colegas meus, meus camaradas, companheiros de pensão, me chamaram para sair com eles. Iam fazer um programa divertido, com mulheres pelo meio. Eu ia gostar. Por um momento ainda hesitei, mas de repente, atinando com esta coisa tão simples e boa, de que nada mais me pegava, dono de mim mesmo agora, podendo ir aonde a minha vontade entendesse de me levar, aceitei o convite. Era uma tentação irresistível. Ia ver o que nunca vira. Descobrir o que não conhecia e nem mesmo (quem sabe) imaginava. Que gosto bom de aventura. Saí com os meus dois colegas, íamos dar uma volta pela zona, nome que em minha vida pela primeira vez devo ter ouvido, muito possivelmente. Não era uma casa como a de Lindaura, que de tão bem comportada em sua simplicidade doméstica parecia mais uma casa de família. Era uma pensão de mulheres, acumulando funções dançantes de cabaré, onde tocava um pianista que tinha o canoro apelido de Passarinho. Essa casa noturna e alegre ficava (vejam só) na rua da Oração, num cidade onde, de resto, dizia o povo haver trezentas e sessenta e cinco igrejas. Ali, em serviços preliminares de leito, dançava-se das 8 da noite às duas da pré-madrugada. As mulheres entronizavam-se nas mesas, raias de seu reinado, de vestido de *soirée*, jarro de flor na mesa e cigarro na boca pintada, esperando o primeiro que chegasse. Fiquei maravilhado, tudo tão simples, tão lindo. Que bom ter vindo com os meus companheiros de pensão até a caverna mágica daquela sala iluminada e bela, rodeada de mesas enfeitadas de flores e de mulheres esperando a gente. Nem bem chegamos, e logo estávamos convenientemente abastecidos de mulheres nas mesas em festa, em estado de simpatia e amor. Tudo rápido e tudo fácil, num pronto atendimento do que queríamos, como por efeito de poderes mágicos, lâmpada de Aladim da nossa vontade. Correu cerveja. A música que puxou a fieira das nossas contradanças, e que de tão repetida em muitas e muitas outras noites ficou até hoje na minha lembrança, falava de uma certa flor de inverno perfumada, que depois da primavera, de novo despertava, nos lábios rubros da mulher agasalhada. Não havia nada igual. Maciel e Morival (eram os nomes dos meus dois companheiros) racharam comigo a cerveja, e com esse racha se foi quase todo o meu dinheiro. Fomos comboiando as mulheres pelo corredor que

dava acesso aos quartos da pensão. Maciel e Morival não tinham problemas, acertaram previamente tudo com as suas damas. Quando me despedi da minha companheira de mesa, alegando que não podia ficar com ela porque estava sem dinheiro, ela me reteve fazendo pressão sobre a minha mão, para eu não descer a escada. E me disse assim, olhe, outro dia a gente fala de dinheiro, hoje quero que você durma comigo. Fiquei tão feliz, que nem sei mesmo o que dizer, se quisesse dizer alguma coisa agora. Era uma felicidade feita de acanhamento e fantasia, menino sonhando acordado com um presente que ganhava sem esperar, presente de não se dar, e que no entanto ganhava. Muito tempo se passou desde essa noite, e pela vida desde então vim me deixando levar, no instante improvisado de cada hora, sem saber o que fazer de mim no que feito já estava, sem mudar em tudo nem mudar em nada, e sem ter em verdade interesse nisso. A vida me parecera sempre destituída de sentido, salvo em sua dispersividade lúdica, na fruição dos seus efêmeros prazeres e passageiras alegrias, que são de resto o seu encanto. A vida, para que tanta luta para nada? Achei sempre uma tolice levar a vida a sério, nunca encontrei um bom motivo para pensar de modo diferente, na minha verdade natural. Estava ali agora em casa de Lindaura, como muitos anos antes me achara na pensão de mulheres, indiferente ao que pudesse acontecer no dia seguinte. Amanhã era outro dia, mas o outro dia não me tirava o sono, as coisas acabavam de uma ou de outra forma se arranjando, independentemente de nos preocuparmos em arranjá-las. A vida não precisava de mim para seguir o seu caminho, por ela eu não podia fazer nada, ajudá-la, alterá-la, melhorá-la, porque tudo nela obedecia à determinação inflexível da fatalidade. As coisas eram como tinham de ser. Eu não viera ao mundo para fazer nada de importante, não devia insistir. Afinal eu ia de qualquer forma morrer, como iam morrer os que venciam na vida. A vida era uma coisa que passava, e no meu coração, no fundo da minha vontade mais sincera, parecia-me que o melhor a fazer, não fazendo nada, era fazê-la passar mais depressa. E, tomado de uma irresponsabilidade enternecida, apiedado talvez de mim mesmo, eu fazia da morte a meta dos meus ócios displicentes e dos meus sonhos simples. Eu não queria nada. Mas quis a mulher. Chamava-se Zenaide. Fui dormir com ela.